



ORGANOGRAMA OFICIAL CARNIVAL VIRTUAL 2017

Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais - LIESV

*Presidente: Ewerton Fintelman
Vice-Presidente Administrativo: Murilo Sousa
Vice-Presidente Artístico: João Salles*

G.R.E.S.V TRADIÇÃO JOVEM



PRESIDENTE
GABRIEL GREGÓRIO

*“A insurreição de um povo miserável:
Belo Monte – Da esperança do sertanejo
à Canudos devastada”*



CARNAVALESCO
GABRIEL GREGÓRIO

Tema-Enredo (Título do enredo e subtítulos se houverem) *

“A insurreição de um povo miserável: Belo Monte – da esperança do sertanejo à Canudos devastada”.

Carnavalesco*

Gabriel Gregório

Autor (es) do Enredo*

Raphael Ribeiro

Elaborador (es) do Roteiro do Desfile*

Gabriel Gregório

Outras Informações Julgadas Necessárias (fontes de consulta, livros etc) *

- Galvão, Walnice Nogueira (1977). No Calor da Hora - a guerra de Canudos nos jornais. São Paulo: Ática
- Horcades, Alvim Martins (1996). Descrição de uma viagem a Canudos 2 ed. Salvador: EDUFBA
- Macedo Soares, Henrique Duque-Estrada de (1902). A Guerra de Canudos. Rio de Janeiro: Typ. Altiva
- Moniz, Edmundo (2001). Canudos A Luta Pela Terra. [S.l.]: Gaia/Global
- Moniz, Edmundo (1978). A Guerra Social de Canudos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Vargas Llosa, Mario (1981). A guerra do fim do mundo. Barcelona: Objetiva. 553 páginas. ISBN 9788560281497.
- Arinos, Afonso (1985). Os Jagunços 3 eds. [S.l.]: Philobibliion. 319 páginas.
- Arinos de Belém (1940). História de Antônio Conselheiro - Campanha de Canudos. Belém: Casa Editora de Francisco Lopes
- Benício, Manoel (1997). O Rei dos Jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos 2 eds. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Bombinho, Manuel Pedro das Dores (2002). Canudos, história em versos 2 ed. São Paulo: Hedra, Imprensa Oficial do Estado e Editora da Universidade Federal de São Carlos. 340 páginas. ISBN 9788585173883.
- Silva, José Calasans Brandão da (1959). No Tempo de Antônio Conselheiro. Salvador: Aguiar & Souza. 121 páginas.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões: campanha de Canudos. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- Museu Imperial
- Pordeus, Ismael. Escritos sobre Antônio Conselheiro e a Matriz de Quixeramobim. Coleção Outras Histórias, vol.65, Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Ceará

- A nomenclatura “Belo Monte” é dada a partir da visão do povo sertanejo. E “Canudos” pelo exército e governo.

SINOPSE DO ENREDO

Setor 1: A insurreição de um povo miserável

“(...) E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono. Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfíxiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas –o espasmo assombrador da seca.”

(Trecho de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha)

“(...) O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas”.

(Trecho de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha)

Raiou. Raiou o sol do meio dia, o mais forte, a brilhar. Irrompendo a terra, o sertanejo surge como a própria personificação da miséria. Mãos calejadas, a fé, o suor e o pó da caminhada é o que lhes restam. Abandonam seus casebres simplórios onde agora pagam impostos, em busca da proteção. A fortaleza divina protagonizada pela sagrada capela é palco de orações, súplicas, confrontos para preservar a fé, as leis, a tradição e a vida do povo escolhido por Deus.

Belo Monte, a nova Canaã é conferida à Conselheiro. “*Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*”, e o Brasil é de Deus. Belo Monte pertence a Ele. “*Ninguém pode servir a dois senhores. Porque ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro*”. O povo é de Deus. Logo, a república está fadada ao ódio, à revolta de um povo que vive de migalhas.

O povo andou e continuará andando com a fé, e munidos com a cruz de seu salvador, fixará no ponto mais alto de Belo Monte o símbolo do sacrifício da sua fé.

Setor 2: Insurgência de Babel

"Espécie de grande homem pelo avesso, Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente doentio da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo não porque dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele. Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, como vimos, o absurdo de ser útil"

(Trecho de "Os Sertões", de Euclides da Cunha)

"A escravidão havia acabado poucos anos antes no país, e pelas estradas e sertões, grupos de ex-escravos vagavam, excluídos do acesso à terra e com reduzidas oportunidades de trabalho. Assim como os caboclos sertanejos, essa gente paupérrima agrupou-se em torno do discurso do peregrino "Bom Jesus" (outro apelido de Conselheiro), que sobrevivia de esmolas, e viajava pelo Sertão.

(Trecho do artigo do site "Só História" sobre o povo de Canudos.)

Magnético, a liderança torna-se seu símbolo de vida. Sua causa. Em nome do pai, do filho e do espírito santo que lhe guia e te levou ao rebanho que lhe seguiu. Antônio Conselheiro, a feitiçaria do mundo dos mortos, dos pobres, dos miseráveis e das prostitutas lhe rendeu um rebanho. Ovelhas sedentas pelo cabresto de seu senhor. Como um bom filho pródigo, retornou à Deus que por sua vez, lhe confiou seu povo. Foi advogado, professor e abandonou sua história insurgindo em um novo homem.

"A sua aparência (do sertanejo), entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. "

(Trecho de "Os Sertões", de Euclides da Cunha)

Compunha o povo sertanejo: ex-escravos, miseráveis, caboclos e outros tantos cansados e oprimidos. Humanos desgraciados, desprovidos de estética razoável ou digna. Do sertão baiano ecoa o grito de um povo desamparado, que busca em Conselheiro e em Deus a esperança de dias melhores, de vida melhor. De vida. Belo Monte, é a imundície e o caos.

"Viu a república com maus olhos e pregou, coerente, a rebeldia contra as novas leis. Assumiu desde 1893 uma feição de combate inteiramente nova (...). Ao surgir essa novidade (editais para a cobrança de impostos que visavam a autonomia municipal) Antônio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição; e planeou revide imediato. Reuniu o povo num dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas numa fogueira, no largo ... pregou abertamente a insurreição contra as leis."
(Trecho de "Os Sertões", de Euclides da Cunha).

"Que seja feita a vossa vontade", sim. A lei dos homens se sobrepôs as de Deus. O sistema que começou a vigorar anos antes, trouxe consigo a cobrança ferrenha de impostos que chegou no sertão. O povo sertanejo defendeu seu lar invadido. A monarquia que se rompeu em 1889, levou junto a oficialidade da religião católica incorporada no império do Brasil. Com a república surge a separação e a constatação do pleno estado dos homens. Laicidade do estado faz com que nenhuma religião se torne oficial e com ela o advento do anticristo. O bailado que a Igreja e o Estado tinham passou a ser descompassado e o laço desfeito.

Firme e forte, o povo de Belo Monte aprovam essa união, trata-se de algo divinal. O universo é divino, que a Igreja, esposa da fé seja protegida, amparada, cortejada pelo governo. Pelo poder. O poder é de Deus, nunca dos homens.

O clero, a imprensa e os latifundiários da região sentiram-se coagidos. Estava ali instalando-se uma nova cidade independente. O fluxo de pessoas diminuía constantemente pela força que Conselheiro emanava por onde passava. Os grupos de poder da região criaram e espalharam a ideia de que Belo Monte é antirrepublicana, propondo a queda da comunidade de Belo Monte através da Guerra contra Conselheiro e seus fiéis.

Belo Monte aos poucos desponta como uma grande torre de babel. A balbúrdia, o desentendimento, a falta de união, a ganância que tomou conta dos peregrinos e dos habitantes da região, num conflito polarizado entre república e a comunidade. Pouco-a-pouco, como uma torre, Belo Monte torna-se Canudos (nomenclatura usada pelo governo) e vai sendo desmontada andar por andar, parede por parede, pedra por pedra.

Setor 3: Canudos, a imunda antessala do Paraíso

"Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, frenteando-se, faces voltadas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas..."
(Trecho de "Os Sertões", de Euclides da Cunha).

“Na falta de uma irmandade de sangue, a consanguinidade moral dera-lhe a forma exata de um clã, em que as leis era o arbítrio do chefe e a justiça as suas decisões irrevogáveis. Canudos estereotipava o fâcias dúbio dos primeiros agrupamentos bárbaros. O sertanejo simples transmudava-se penetrando-o, no fanático destemeroso e bruto. Absorvia-o a psicose coletiva. E adotava, ao cabo, o nome até então consagrado aos turbulentos de feira, aos valentões de refregas eleitorais e saqueadores de cidades - jagunços. ”
(Trecho de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha).

O governo ficou cada vez mais insatisfeito com a comunidade de Belo Monte, e decidem partir para a Guerra. Inflammados cada vez mais pelos fazendeiros e pela Igreja, fizeram que progressivamente a pressão fosse posta à república a cada boato que espalhavam sobre Canudos, como por exemplo, a manutenção do regime monárquico.

O Exército foi mandado para Canudos. A primeira expedição decide partir à Canudos após um boato surgido em Juazeiro. Cem policiais são surpreendidos na madrugada em Uauá pelos jagunços mandados por Conselheiro. Uauá torna-se cenário de combate. Soldados entram em cena causando baixas no grupo de jagunços de Conselheiro. Jagunços se retiram, mas a expedição estava fadada ao fracasso pelo confronto em Uauá. A segunda expedição do mesmo modo foi derrotada pelos jagunços, mais de cem soldados foram mortos. O presidente convocou o coronel Moreira César, o famoso “Tenente corta-cabeças”. Na terceira expedição, capitaneada pelo Tenente corta-cabeças, Canudos foi assaltada. O tenente foi morto e a expedição abalada decide retroceder.

O último e derradeiro confronto foi capitaneado pelo ministro da Guerra, que após duas tentativas, se instala em Monte Santo, lugar próximo à Canudos e ali torna-se a base dos militares. O exército fechou o cerco sobre Canudos na terceira tentativa. O povo rendeu-se à república estendendo bandeiras brancas, proclamando a defesa de suas vidas. Alguns grupos ferozmente resistiam na praça central de Canudos. Todos os presos, homens, mulheres e crianças foram degolados, incluindo alguns habitantes que se renderam.

Os últimos defensores de Belo Monte caem, e com isso Canudos é dizimada. Verdadeiro banho de sangue e de fogo. Casebres incendiados, não sobrou pedra sobre pedra. Conselheiro, morto por ferimentos de granada e possível disenteria, é decapitado e tem sua cabeça levada pelo exército.

Sertanejo andou, cantou, rezou, orou e defendeu até o seu último suspiro a sua vida. A sua dignidade. Pelo seu pão, sua proteção. Peregrinos que vieram com nada ao mundo, voltam aos céus com nada além de uma vida sofrida no sertão baiano. Acreditaram até o último segundo que sua vida podia melhorar e morreram regando a terra rachada do sertão com o sangue da força, da luta e da garra de lutadores, verdadeiros guerreiros pela sobrevivência.

O povo miserável clamou pela misericórdia divina em Belo Monte e esse clamor ecoará na passarela da Tradição Jovem!

Justificativa do Enredo (se a escola julgar necessário)

A G.R.E.S.V Tradição Jovem abre seu caminho no carnaval virtual para receber na passarela aquela que foi a guerra mais sangrenta do Nordeste, o desfile inaugural da vermelha, verde e dourado será sobre a Guerra de Canudos. Após pesquisas, levantamento de dados e estudos a escola definiu os parâmetros que a fariam trilhar rumo ao enredo. E é nessa certeza que surgiu a ideia de falar sobre a comunidade de Belo Monte.

*O enredo histórico foi desenvolvido de forma linear, isto é, a escola vai contar essa história numa linha do tempo cronológica, ao seguir dos principais acontecimentos. O ponto substancial do desenvolvimento é a forma como o povo sertanejo é tão **vítima** na história e claro, um dos primeiros confrontos que o brasileiro teve com a República.*

*Um povo paupérrimo que evidenciou a retirada do pouco que eles tinham em nome de impostos. A situação do sertão é extremamente precária e o que sobrou daqueles que seriam futuros retirantes, foi a fé. **A fé os acompanhou do início até o fim.***

A estrada, a fixação de uma estadia em uma comunidade, o apego a sua crença e as batalhas travadas em nome da sobrevivência é o fomento ao questionamento que a Tradição Jovem faz no seu desfile. Antônio Conselheiro, figura chave da guerra também desperta curiosidade haja vista sua história de vida e onde ela termina.

Gabriel Gregório
Presidente e Carnavalesco da Tradição Jovem

Autoria do Samba-Enredo*

Emanuelli Almeida, João Almeida e Bruno Santiago

Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito) *

Raiou o sol
Do meio dia a brilhar
O meu caminho iluminar
A minha fé vai me salvar
Andei
Nesse sertão de terra rachada
Minha vida é o pó da estrada
Andarilho eu vou acreditar
A seca me tomou, virei artista
Sigo as ordens de um monarquista

Seu Tenente José não atira em mim não
Sou Tradição de coração
A miséria fez de mim moradia
Aqui farei a minha vida

Cearense, sua história abandonou
Ofício da lei, o mestre professor
A fé que fez canudos se formar
Proteger do anticristo, abençoar
Soldado chegou, jagunço apareceu
Canudos devastada, sua vida lhe deu
Vitoriosa é a honra de lutar
Ô sertanejo!
Na terra sofreu, teu lugar é o céu
A Nascente tocou, e o nosso canto ecoou

Agita meu povo, sacode emoção
O Conselheiro do sertão
A minha vida vai mudar
Em Belo Monte o paraíso encontrar

Defesa do Samba (se a escola julgar necessário)**O enredo no samba**

A G.R.E.S.V Tradição Jovem apresenta a guerra mais sangrenta do sertão na Passarela João Jorge Trinta, fazendo um convite aos foliões para que conheçam a história da Guerra de Canudos. Protagonizada por Antônio Conselheiro e seus fiéis e pelos soldados e o governo, o enredo possui um apelo histórico-social que é fator preponderante para a escolha do samba.

O samba possui 28 linhas, considerado um samba razoável em seu tamanho e arremata bem todas as fases propostas pelo enredo. Os compositores evidenciam dois eu-lírico: envolve os foliões numa trajetória em primeira pessoa, ele é o sertanejo. E em segunda instância, ele é o próprio público. Ele é o folião que se aventurou em Canudos e agora revela-se espectador dessa história.

Na primeira estrofe, o compositor traz à tona a situação do sertanejo. Desde a sua insurreição, perpassando pelo seu sentimento de otimismo e de esperança, para eclodir numa pré-devastação. O folião assevera a luta do povo sofrido, com seu cotidiano e sua fragilidade em todas as esferas que são integralizadas pelo refrão de meio.

O refrão de meio mantém o caráter interpretativo da obra e segue os mesmos moldes da primeira estrofe. É uma indução cristalina ao canto da escola e a exteriorização do amor ao pavilhão. Acompanhados de aperitivos que entregam e confirmam a ideologia do sertanejo.

Na segunda estrofe, o compositor traz o expoente da Guerra e seus desdobramentos, desde a origem de Antônio Conselheiro, passando pelo desfecho histórico e finalizando numa verdadeira confissão que sintetiza a proposta da agremiação.

A obra traz uma poesia de colagem histórica, descritiva e interpretativa. O eu-lírico evidencia-se nas situações; ele participa da história: ora sendo protagonista - convidando o folião a uma viagem ao sertão baiano e sentir o amargor da realidade vivida pelos retirantes - ora sendo narrador, documentando e testemunhando a conflagração derradeira.

O ressoar dos tambores irão ecoar um grito de misericórdia de um povo miserável. Embalados pelo bang-bang, a G.R.E.S.V Tradição Jovem levantará o público que cantando juntos, seremos protagonistas, testemunhas, fiéis verdadeiros de todo o martírio. Que o nosso canto ecoe e que Deus os acolha, seus sofrendores filhos.

"A Nascente tocou, e o nosso canto ecoou!"

*G.R.E.S.V Tradição Jovem
"A nascente do samba!"*

ROTEIRO DO DESFILE

Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver) *

Alas – 15 alas.
Alegorias – 3 alegorias.
Tripés e/ou Quadripés – 1 tripé.
Mestre Sala e Porta Bandeira – 1 Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira.
Guardiões de Casal de MS & PB – 0
Destaques de Chão – 2 destaques.

Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas) *

Setor 1 – A insurreição de um povo miserável

Comissão de Frente – Tentação no Sertão Baiano
Grupo Coreográfico: Jagunços e Conselheiro.

Ala 01 – Secas cíclicas
Ala das Baianas – Andar com fé eu vou...
Carro Abre Alas – A insurreição de um povo miserável

Setor 02 – De Belo Monte á Babel

Ala 03 – Essência do Conselheiro
Rainha de Bateria: Sangue nas veias do povo
Bateria – Ex-escravos
Ala 04 – Perigosos Monarquistas
1º Casal de Mestre Sala e Porta-Bandeira: Pleno Estado religioso.
Ala 05 – O Bom Jesus/Louco fanático

Alegoria 02 – Belo Monte é a nova Babel do Sertão

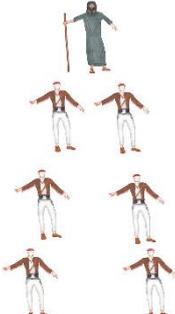
Setor 03 – Canudos: a imunda antessala do paraíso

Ala 06 – Imprensa Apoquentada
Ala 07 – Clero Abodegado
Ala 08 – Latifúndio Furibundo
Ala 09 – Expedição de Uauá
Ala das Passistas – O Corta-Cabeças
Ala 11 – Vitória de Marechal Machado

Tripé – O grande mártir e a chama da fé

Ala 12 – Redenção a República
Ala 13 – Império da execução
Velha-Guarda – Exército Vitorioso

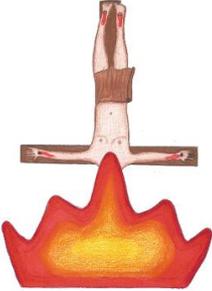
Destaque de Chão - Opressão
Alegoria 03 – Aautos anunciam: Misericórdia ao povo miserável!

Criador (es) dos Desenhos*	
Nome (s) do (s) artista (s) *: Gabriel Gregório	
Nome do Elemento	O que representa
<p><i>Comissão de Frente – Tentação no Sertão Baiano</i></p> 	<p>A Comissão de Frente abre os desfiles e saúda o público representando a união e a força de Belo Monte. O grupo coreográfico formado por 6 Jagunços e 1 Conselheiro encenam uma verdadeira caçada em busca do exército da república. Comissão teatralizada.</p>
<p><i>Ala 01 – Secas Cíclicas</i></p> 	<p>A Ala "Secas Cíclicas" traduz o clima do Nordeste, a morte de gado pela seca e a aridez do sertão baiano. A fantasia é feita com tecidos que possam remeter à pele de animais típicos.</p>
<p><i>Ala das Baianas – Andar com fé eu vou...</i></p> 	<p>A Ala das Baianas vem representando a fé do povo de Belo Monte. A Fé foi o que sempre esteve junto à eles. Católicos, eles tinham uma devoção enorme em Nossa Senhora das Dores, figura icônica na religiosidade católica nordestina. Além de ser mãe dos viajantes. As baluartes da escola vem representando esse apego com o divino durante toda sua trajetória.</p>
<p><i>Carro Abre Alas – A insurreição de um povo miserável</i></p>	

	<p>O carro Abre-Alas da escola representa o surgimento do povo. Os retirantes surgem da terra rachada, em meio ao clima árido do seu lugar e suplicam misericórdia por terem uma vida tão paupérrima. Também representa a Fé em crer que terão seu espaço, sua vez. Oram, suplicam por condições melhores de vida.</p>
<p><i>Ala 03 – Essência do Conselheiro</i></p>	<p>A ala "Essência do Conselheiro" representa a trajetória de vida de Antônio Conselheiro. Trabalhou informalmente como advogado prático, cuidou dos negócios da família e foi professor. Representa a vida que Conselheiro levava antes de virar andarilho.</p>
	
<p><i>Rainha de Bateria: Sangue nas veias do povo</i></p>	<p>A Rainha de Bateria vem à frente dos ritmistas representando o sangue pulsante de todos aqueles que integraram Belo Monte.</p>
	
<p><i>Bateria – Ex-escravos</i></p>	<p>Os ritmistas da escola se apresentam como Ex-Escravos, um grupo marginalizado que também se integrou ao grupo liderado por Conselheiro.</p>
	
<p><i>Ala 04 – Perigosos Monarquistas</i></p>	

	<p>A ala "Perigosos Monarquistas" representa o que pensava o governo e a imprensa da época. Eles acreditavam que Conselheiro e todo grupo eram monarquistas e que defendiam o sistema monárquico anterior. A ala vem com brasões oficiais do império, como o símbolo e o brasão de armas. Além das bandeiras do Império hasteadas e acopladas como costeiros.</p>
<p><i>1º Casal de Mestre Sala e Porta-Bandeira: Pleno Estado religioso.</i></p>	<p>O casal de Mestre Sala e Porta Bandeira impunha o pavilhão da escola representando o Pleno Estado religioso, uma contradição. A crença do povo de Belo Monte era que a República representava o anti-cristo por separarem a Igreja do Estado, isto é, o Estado Laico. Então, o casal representa a vontade, a ideologia do povo de Canudos de que o certo era a união do Estado com a Igreja, para que a lei dos homens seguissem as leis de Deus. O Mestre-Sala possui referências dos imperadores Dom Pedro I e Dom Pedro II e representa o Império como um todo, broches de ordens compostas pelos imperadores, coroa imperial, cetro imperial usado como bastão e a faixa imperial.</p> <p>A Porta-Bandeira representa a Igreja Católica, então foram usadas referências papais (e da lenda de que possa ter existido uma Papisa - Joana -). Então é usada a cruz portuguesa e toda referência à Igreja Católica Apostólica Romana, religião oficial do Império.</p>
	<p><i>Ala 05 – O Bom Jesus/Louco fanático</i></p>
	<p>Na Ala 05, é representada a visão que dois grupos têm sobre Conselheiro: a do povo, que seria a de que Conselheiro teria uma imagem divina e nesse caso foi usada a imagem de Bom Jesus - que seria Jesus Cristo flagelado com a coroa de espinhos. Dessa referência foi usada a capa. E para a maior elucidação, foram usados elementos religiosos como o sapato de cor diferenciada e o cíngulo (veste litúrgica de sacerdotes). E a da imprensa, clero e latifundiários: uma mente fervilhando, sem ordem, chocha e caótica, como a de um fanático.</p>
<p><i>Alegoria 02 – Belo Monte é a nova Babel do Sertão</i></p>	

	<p>A segunda alegoria vem representando a crença de que Conselheiro seria um defensor da monarquia e vem com uma tenda da Sala de Estado do Palácio Imperial além do Trono Imperial de Dom Pedro II. Na segunda parte da alegoria, vêm a Torre de Babel, figura conhecida por ser uma torre que tinha a pretensão de ser tão alta para que pudesse alcançar os céus, porém a soberba provocou a ira de Deus que fez com que todos os povos e todas as línguas na torre se confundissem. É um prenúncio ao que ocorreu em Canudos, Canudos versus Governo.</p>
<p><i>Ala 06 – Imprensa Apoquentada</i></p>	<p>A Ala 06 representa o aborrecimento (significado de apoquentada) da imprensa com a causa de Canudos. Foi um dos grupos que mais foram contra e criticaram Belo Monte.</p>
	
<p><i>Ala 07 – Clero Abodegado</i></p>	<p>A ala 07 representa o aborrecimento (significado de abodegado) do clero com a ideia de Conselheiro de haver uma terra prometida e todo seu convencimento usando a fé. O clero da região ficou furioso por estarem perdendo fiéis.</p>
	
<p><i>Ala 08 – Latifúndio Furibundo</i></p>	<p>A Ala 08 representa os donos de propriedade rural, de plantações, fazendas. Foi um dos principais alvos da Guerra, já que as grandes fazendas só davam empregos a pouca gente, além dos altos preços. Então eles, juntamente com a imprensa e o clero, compunham os três grupos que mais se opuseram a Canudos além do Governo.</p>
	
<p><i>Ala 09 – Expedição de Uauá</i></p>	

	<p>A Ala 09 representa a primeira expedição do Exército contra Canudos, onde os soldados foram surpreendidos pela madrugada pelos jagunços de Conselheiro. A expedição foi violenta e houve baixas do lado do Exército, que se retirou do local.</p>
<p><i>Ala das Passistas – O Corta-Cabeças</i></p>	<p>A Ala das Passistas representa a terceira expedição, onde também não obteve sucesso e o coronel Antônio Moreira César, conhecido como "corta-cabeças" por ter mandado executar mais de 100 pessoas na Revolução Federalista, foi morto com uma bala no ventre. A expedição recua pela terceira vez.</p>
	
<p><i>Ala 11 – Vitória de Marechal Machado</i></p>	<p>A ala 11 representa a última expedição e que foi vitoriosa. Marechal Carlos Machado de Bittencourt, que se instalou em Monte Santo e fez da região a base das operações. Foram meses de intensas operações e Marechal Machado trouxe consigo mais de quatro mil soldados consigo e armamentos modernos.</p>
	
<p><i>Tripé – O grande mártir e a chama da fé</i></p>	<p>O tripé representa a morte de Antônio Conselheiro através de uma analogia. Conselheiro teve sua cabeça decapitada após sua morte, e para o povo ele foi um mártir da guerra e que lutou pela sua fé, fé essa que sempre esteve com a chama acesa. Os mártires possuem uma imagem de serem mortos crucificados de cabeça para baixo, como aconteceu com o apóstolo Pedro que não queria ser morto crucificado da mesma forma que seu mestre, Jesus Cristo, e pediu pra ser morto de cabeça para baixo. Desde então, morrer crucificado de cabeça para baixo tornou-se símbolo do martírio.</p>
	
<p><i>Ala 12 – Redenção a República</i></p>	

	<p>A Ala 12 representa uma parcela do povo de Canudos que resolveu se render à república. A fantasia está referenciada na alegoria da República e no símbolo da República que foi instaurada poucos anos antes da guerra.</p>
<p>Ala 13 – Império da execução</p>	
	<p>A Ala 13 representa o exército, que lavou Canudos com sangue. A fantasia foi referenciada no exército do Império Romano, conhecido pela conquista e pela fúria.</p>
<p>Velha-Guarda – Exército Vitorioso (MASC)</p>	
	<p>A Velha-Guarda representa a vitória do Exército. Vem como o exército que se apresenta em ocasiões super solenes e em trajes brancos para homenagear nossos baluartes.</p>
<p>Velha-Guarda – Exército Vitorioso (FEM)</p>	
	<p>A Velha-Guarda representa a vitória do Exército. Vem como o exército que se apresenta em ocasiões super solenes e em trajes brancos para homenagear nossos baluartes</p>
<p>Destaque de Chão - Opressão</p>	



A destaque de chão representa a opressão sofrida pelo povo de Canudos. Em tons monocromáticos, é assim que se apresenta o final da guerra para o povo: tristeza, angústia, vontade de mudança.

***Alegoria 03 – Arautos anunciam:
Misericórdia ao povo miserável!***



A última alegoria termina com um apelo: misericórdia ao povo miserável. Os arautos anunciam a chegada daqueles que morreram. O povo é recebido no céu nos braços dos anjos e serafins. E a paz abraça esse povo que tanto sofreu e só lutou pela sua dignidade, pela sua terra. Chegaram na sua terra prometida e gozam de muito júbilo perto de Deus.

Nome Completo da Escola**Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Tradição Jovem***Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual) ****Gabriel Gregório***Carnavalesco (a) / Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual) ****Gabriel Gregório***Intérprete (s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual) ****Nellipe Costa (afastado) – Gabriel Gregório***Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver) ***

-

Autores do Samba-Enredo da Escola**Emanuelli Almeida, João Almeida e Bruno Santiago***Data de Fundação da Escola****14 de março de 2017***Cores da Escola****Vermelho, Verde e Dourado***Símbolo da Escola****Casal de sambistas jovens***Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas) ***

A Tradição Jovem é uma escola de samba virtual da Zona Sul de São Paulo. Intitula-se como a “Nascente do samba”. Buscando o título do Grupo de Acesso B da LIESV, a agremiação estreia no carnaval virtual com um enredo histórico sobre a Guerra de Canudos, a revolta mais sangrenta do século XX no Brasil. Carnaval assinado pelo também presidente Gabriel Gregório. O nome foi inspirado na junção da tradição do samba, com o jeito jovem de inovar o carnaval.

Título do Enredo**A insurreição de um povo miserável: Belo Monte – da esperança do sertanejo á Canudos devastada.***Autor do Enredo****Raphael Ribeiro***Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas) ***

Para seu desfile de estreia, a Tradição Jovem traz para a passarela o enredo “Da insurreição de um povo miserável: Belo Monte – da esperança do sertanejo à Canudos devastada” que narra em começo, meio e fim a trajetória de Antônio Conselheiro e seus fiéis em busca de uma vida melhor no sertão, que fora brutalmente mudado pela república, regime que se instaurou alguns anos antes do estopim da Guerra.

A agremiação conta a história de forma linear-histórica e possui um apelo social e filosófico por trás sobre o estado d’aquele povo e o quão vítima eles podem ter sido de um sistema que lhes tirou tudo o que tinha. O que sobrou foi apenas a roupa do corpo e o pó da estrada. O desfile tem como objetivo elucidar e emocionar os foliões com a história dessa revolta que foi tão vil e cruel com o povo baiano.

Gabriel Gregório

Carnavalesco e Presidente da Tradição Jovem